

Memórias do “Outro”: imigrações e imaginários na revista *Raízes* ¹

Lilian Crepaldi de Oliveira Ayala²

Docente da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (Fapcom) e da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs)

Resumo

O objetivo geral é explicar como ocorre a tradução cultural dos processos migratórios na revista *Raízes*, produzida pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul (FPM). Num estudo qualitativo e exploratório, cinco textos sobre imigrantes do Leste Europeu foram analisados a partir de conceitos dos Estudos Culturais. A publicação, cujo primeiro exemplar data de 1989, é inteiramente produzida na cidade. Com o passar dos anos, a revista passou a valorizar mais as lembranças e as tradições de diferentes grupos culturais, auxiliando na construção de um mosaico coletivo de imaginários, saberes e histórias das migrações. A FPM, por meio de *Raízes* e outros suportes comunicacionais, tornou-se uma instituição-chave para a preservação e a divulgação da memória local.

Palavras-chave

Revista *Raízes*; Memória; Tradução cultural; Imaginário; Interculturalidade.

Comunicação, memória e esquecimento

Num contexto comunicacional marcado pelo excesso de informações e, conseqüentemente, pelo esquecimento, qual é a relevância de estudar uma revista – por si só, um meio de comunicação considerado tradicional – que fale sobre a memória?

Pois a memória sempre lida com seu antônimo, o esquecimento. Assim, de acordo com Ferreira (2007, p.109), “pensar a memória, dela se ocupar, é mesmo um ato político de grandes conseqüências. Há várias maneiras de estar no mundo a partir da memória, é o que se pode constatar”. Refletir sobre o que se lembra e sobre o que se esquece dentro de um veículo de comunicação, no âmbito da pesquisa, é um fazer político, assim como tentar compreender o processo de produção da revista é um fazer político. Para Said (2004, p.49), “mais importante do que o próprio passado, portanto, é sua influência sobre as atitudes culturais do presente.”

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Bacharel em Jornalismo e em História. E-mail: liliancrepaldi@uol.com.br

Raízes busca desvelar o passado por meio da apreensão de relatos de memórias. Estas memórias, tornadas discursos por meio da tradução cultural da equipe da FPM e dos colaboradores, interferem na compreensão do passado e do próprio presente. Nesta perspectiva, uma das propostas do trabalho vai ao encontro da de Martín Barbero (2004, p.225): “pensar a política desde a comunicação significa pôr em primeiro plano os ingredientes simbólicos e imaginários presentes nos processos de formação do poder.”

O leitor da revista, neste contexto, também atua politicamente, pois o ato de ler é uma tentativa de descobrir o que pensa o produtor do texto e o que pensavam as fontes da informação. Desenvolve-se a capacidade imaginativa também no ato da leitura. Nunca o que é lido é exatamente igual ao que foi pensado durante a criação textual. Há sempre produção no processo receptivo da informação.

Também é preciso situar o leitor nas novas possibilidades de abordagem da Comunicação. Marcondes Filho (2013) propõe uma Nova Teoria da Comunicação. Esta Nova Teoria, sempre em construção, quer estudar como a mente das pessoas reage diante de diferentes estímulos. Assim, é necessário apreender a comunicação no momento em que ela ocorre. De acordo com Marcondes Filho (2013, p.57), “o pesquisador deverá instalar-se naquilo que muda, a fim de obter uma apreensão pela intuição sensível.” A comunicação só ocorre de forma eficaz se gerar impacto e, para isso, é preciso adentrar o universo das sensibilidades.

Para propor essa Nova Teoria - cujo um dos pressupostos é o de que a tecnologia é reflexo da sociedade que a produz e, por conseguinte, é possível entender as mudanças sociais a partir das transformações tecnológicas - o autor parte das concepções de diferentes filósofos, dentre os quais se destaca Emmanuel Lévinas (1906-1995). Para o francês de ascendência judaica, “é somente o outro que pode acabar com os poderes egoístas do meu ego. O outro não é a outra pessoa, mas 'aquilo que eu não sou', que me dá algo além de mim” (LÉVINAS *apud* MARCONDES FILHO, p.35). O papel da alteridade ganha, assim, destaque na análise da comunicação. O tu vem sempre antes do eu. As pessoas reagem em razão da informação contida na revista e dialogam com a equipe, tanto para elogiar como para criticar.

O outro me mede com um olhar incomparável ao olhar com o qual eu o descubro. A dimensão de altura que se coloca o Outro é como a primeira curvatura do ser à qual se liga o privilégio do Outro, o desnivelamento da transcendência. O Outro é metafísico [...] A relação com o Outro não se desloca, como o conhecimento, em gozo e posse, em liberdade. O Outro se impõe como uma exigência que domina esta liberdade e, assim, como mais original que tudo o que se passa em mim. I...] A presença do Outro -

heteronomia privilegiada - não fere a liberdade, mas a investe. (LÉVINAS
apud DERRIDA, 2008, p.25)

Essa ideia é fundamental para entender um meio de comunicação – neste caso, a revista *Raízes* - que lida diretamente com a apreensão e a difusão da memória. Tendo em vista que esta apreensão é feita, majoritariamente, por meio dos procedimentos estabelecidos pela História Oral, o entrelaçamento entre o “eu” e o “tu” é condição *sine qua non* para a comunicação, o que não significa que a comunicação seja sempre eficaz. Ela sempre é falha, pois lida com ingerências nem sempre controláveis tanto no processo de produção, quanto no de recepção.

O ano de 2014 marcou os 25 anos que a revista *Raízes* circula em São Caetano do Sul. É a revista mais antiga da cidade e a única com o tema memória a ser distribuída gratuitamente. A publicação circula desde julho de 1989. No total, são 51 edições até julho de 2015. No site da instituição, também é possível visualizar em formato *pdf* todas as edições. Os principais temas discutidos pela revista são memória, migrações, personagens, industrialização, religião, patrimônio material e imaterial, desenvolvimento social, cultura, lazer e esporte, entre outros assuntos.

A revista possui textos não-ficcionais (pesquisas históricas, entrevistas, reportagens, artigos acadêmicos e resenhas) e ficcionais (crônicas e poesias). Atualmente, o conselho editorial da revista é composto por jornalistas, historiadores, memorialistas, membros da sociedade civil e do poder público. Para García Canclini, porém, é preciso entender “a lógica que rege estas trocas sociais entre os membros de cada campo intelectual, o sistema de tradições, rituais, compromissos corporativos e outras obrigações não científicas” (2005, p.138). Cabe ao pesquisador buscar essa lógica que rege os campos do conhecimento e esclarecer ao leitor que qualquer produção, acadêmica ou cultural, é permeada de vínculos com poderes estabelecidos e simbólicos, visíveis ou escamoteados.

Os lançamentos das duas edições do ano (julho e dezembro) ocorrem em eventos abertos à população, que, geralmente, fazem referência ao tema principal da revista. A tiragem atual é de dois mil exemplares, com 132 páginas. A revista está dividida nas seguintes editoriais, que aparecem em quase todas as edições a partir do número 40: *Nossa Capa* (com explicação sobre a principal temática), *Editorial* (escrito pela presidente da FPM), *Em Foco* (série de artigos e reportagens sobre o tema principal), *Expediente*, *Memória* (sobre indivíduos, famílias ou instituições), *História Oral* (perfil de um personagem), *Recordando nossas Raízes* (crônicas ou relatos de memorialistas), *Homenagem*, *Curiosidades*, *Artigos* (reportagens ou pesquisa historiográfica), *Regionais*

(abarcando as outras cidades da região), *Personagens* (famosos e anônimos na história da cidade), *Cultura* (relacionada às artes), *Moda de outrora* (fotografias), *Ofícios* (trabalhos tradicionais da região ou experiências em fábricas ou outras instituições), *Poesias e Crônicas*, *Bau de Memórias* (imagens e documentos doados ao acervo da instituição naquele semestre), *Memória Fotográfica* (com imagens da FPM, jornais locais ou doações dos moradores da cidade) e *Registro* (sobre as atividades da instituição).

A revista é feita essencialmente pela equipe de historiadores e jornalistas da instituição, mas também conta com o auxílio voluntário de colaboradores, a maioria memorialistas da própria cidade ou pesquisadores vinculados a universidades. Normalmente, o método mais utilizado para a coleta de informações por parte dos pesquisadores é a narrativa oral de histórias de vida, “tipo de narração com começo, meio e fim, em que os momentos externos – origem e atualidade – tendem a ganhar lógica explicativa” (MEIHY & RIBEIRO, 2011).

Em todas as edições, textos e imagens da própria população são enviados à revista, mas certos memorialistas são recorrentes, o que mostra não apenas certa preferência dos editores, mas, principalmente, o poder de quem escreve e a importância que têm na cidade. Os moradores também atuam na sugestão de pautas, no abastecimento do arquivo e participam ativamente dos eventos promovidos pela FPM. García Canclini (2005, p.138) afirmou que

Os temas – ou as tribos – da moda estabelecem-se, em parte, por exigências provenientes da dinâmica própria do conhecimento, mas também por relações de solidariedade e cumplicidade entre os membros de cada instituição, entre aqueles que pertencem ao comitê de redação de uma revista ou a uma mesma banca.

Nota-se que *Raízes* é uma publicação *sui generis*, impossível de ser classificada a partir de critérios tradicionais. Ao mesmo tempo em que constrói a memória e a história local, também já se tornou um documento histórico da cidade e da região do ABC paulista: tornou-se, também, memória. É amplamente utilizada como fonte de consulta para pesquisadores que estudam temas como industrialização, processos migratórios e vida cotidiana, e também faz integra projetos educacionais da cidade.

Como forma de exemplificar o estilo da revista e suas formas de abordagem em relação aos processos migratórios, para este artigo foram escolhidos cinco textos sobre grupos culturais advindos do Leste Europeu que se estabeleceram na cidade. A análise temática parte de conceitos dos Estudos Culturais.

Tradução cultural dos processos migratórios

Ainda na década de 1920, após o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), imigrantes poloneses, ucranianos, húngaros, búlgaros, iugoslavos e russos chegaram a São Caetano com a promessa de trabalho e uma vida melhor. Entre 1889 e 1941, 100 mil poloneses chegaram ao País. O texto de Camila Zaborski (2012), publicado na edição 46 de *Raízes*, de dezembro de 2012, possui seis páginas e discute a questão da imigração polonesa a partir da História Oral. A pesquisa aponta que a imigração deste período teve como principais motivações a abolição da escravatura e os projetos do governo de substituição da mão de obra pelo trabalho livre. Em seguida, aponta os motivos internos para que os poloneses emigrassem. Para a autora, a Polônia foi

marcada por invasões, opressão e sofrimento durante séculos, tendo sido invadida e partilhada pela União Soviética e pela Alemanha.

Fatores como as duras perseguições impostas aos poloneses, as drásticas medidas para o extermínio de sua população, entre outras ações de repressão, causaram grande revolta na população e deu impulso à emigração. (ZABORSKI, 2012, p.98)

Uma parte do texto é dedicada à explicação do método de História Oral para o leitor. A partir de então, mostra o casal entrevistado para sua pesquisa: João e Janete Tartoik. João Tartoik relata que, após a invasão nazista à Polônia em 1939, entrou no exército russo. “Fiquei quase quatro anos lutando na guerra, mas não gosto de falar sobre esse assunto” (ZABORSKI, 2012, p.99). É interessante notar o posicionamento da pesquisadora, que não intervém no discurso, nem força o entrevistado a revelar acontecimentos que lhe afligem.

Depois de um tempo na Itália, “um país maravilhoso” nas palavras do entrevistado, chegou ao Brasil em 1947 e ressalta as maravilhas daquele tempo “Nesse tempo não tinha crime, eu costumava passear à noite, pois morava em uma pensão que era um calor desgraçado e não conseguia dormir, então ia passear nas ruas, na praia e nunca ninguém me assaltou.” O grande susto do casal veio em forma de comida.

passava nos restaurantes, e via as pessoas comendo uma comida estranha, de cor marrom, o feijão. Eu achava muito estranho aquela comida escura no enorme que tinha compradores que andavam por todo o Norte do país, comprando gado para depois matar e fazer produtos derivados da carne. Eles tinham enormes câmaras frigoríficas e todas com temperatura abaixo de zero, para que não estragasse a carne. Dessa forma, precisavam de centenas de pessoas para trabalhar lá e os brasileiros natos não se davam bem nesse frio, pegavam doenças, pneumonia, gripes, reumatismos. Então sempre tinha falta de pessoas querendo trabalhar nesses lugares. (ZABORSKI, 2012, p.99)

A adaptação ao clima frio do frigorífico foi uma vantagem para quem já estava acostumado a Europa e João foi trabalhar num frigorífico. Quanto à comida, ambos se acostumaram e gostam da mistura entre ingredientes que ocorre no Brasil:

Janete: o João gosta muito de feijoada (risos) e eu gosto muito de cozinhar (...). O João não é muito fã de arroz, mas, em compensação, ama a feijoada brasileira, então ele acaba comendo o feijão e o caldo com farofa, como se fosse um tutu. (...)

João: Eu gosto da culinária polonesa, mas, não vou mentir, quando chegamos em um país como o Brasil, com uma diversidade na culinária, não há como não se encantar. A cozinha brasileira é fantástica. Eu adoro os restaurantes nordestinos. Às vezes como tanto, que passo até mal (risos). (ZABORSKI, 2012, p.101)

Lembrar a Polônia não gera muitas saudades no personagem, sobretudo por que ele reconhece a melhora em sua vida desde que veio para o Brasil. No entanto, reconhece a “terra maravilhosa” onde nasceu.

Com o dinheiro que eu gastaria para ir à Polônia e ver a terra que tanto gosto em plena miséria, eu poderia conhecer outros países que estavam em uma situação melhor. Viajei então a Paris e para outros locais com minha esposa. Mas mesmo assim, posso dizer que a Polônia é uma terra maravilhosa. Sempre digo que todos deveriam conhecer esse país que traz tantas histórias. (...) Hoje posso dizer que gosto da Polônia, mas prefiro o Brasil. (ZABORSKI, 2012, p.102)

A relação com o local de origem é inquebrantável. De acordo com Ferreira (2004, p.30), “a ligação com a terra, numa espécie de arqueologia essencial, permanência de uma natureza que pode ser o âmago de uma antiga memória da terra.” No caso de João, contudo, mesmo essa relação imemorial com a terra dos antepassados não consegue superar a relação de apego e admiração que desenvolveu com o país, e a cidade, que o acolheu.

Dentre os grupos da Europa do Leste, é inegável a presença dos ucranianos na cidade até os dias de hoje. No País, há registros de imigração ucraniana desde o final do século XIX. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, entre 1895 e 1896, foram aproximadamente 5.500 famílias. De 1897 a 1907, por volta de mil imigrantes (INSTITUTO, 2000).

Vale mencionar que referências ao grupo cultural ucraniano já haviam aparecido na edição 3 de *Raízes*, de julho de 1990, quando capa e contra-capas mostravam a Igreja Ortodoxa Autocéfala Ucraniana, bem cultural da cidade. Não havia, porém, textos sobre o grupo. O primeiro texto sobre ucranianos aparece na edição 6, de janeiro de 1992. Com o título de “Ucranianos, sete décadas de presença marcante”, foi escrito por Aleksandar Jovanovic, então editor-chefe da revista, e consiste numa profunda pesquisa histórica sobre

a origem da comunidade ucraniana não somente em São Caetano, mas em todo o mundo. O artigo possui 13 páginas, 44 notas de rodapé, notas sobre a transliteração de nomes próprios, do ucraniano para o português, e agradecimentos a membros das primeiras sociedades ucranianas da cidade. Possui também um desenho de Jayme da Costa Patrão e 24 imagens, entre fotos e reproduções de documentos, sobretudo passaportes.

É o maior texto da edição 6 e imagens de grupos ucranianos na cidade ilustram a capa e a contra-capa da revista. O texto apresenta uma extensa explicação da história e da geografia da Ucrânia, pontuando a multiplicidade linguística, literária e cultural desde o século 7, quando há o registro do aparecimento do primeiro povo eslavo. O autor chega aos processos imigratórios para o Brasil e à fundação das primeiras sociedades de mútua ajuda e preservação da cultura.

Jovanovic (1992) aponta que não há dados precisos sobre a chegada dos ucranianos na cidade. Porém, em 1929, é fundada uma primeira instituição com o intuito de auxiliar os imigrantes, a União Popular Ucraniana, que tinha como principal destino a lavoura³ e a incipiente indústria local. Em seguida, mudou seu nome para Ucrânia Livre. O autor faz uma análise minuciosa dos estatutos de todas as sociedades ucranianas que existiram na cidade, inclusive mencionando e mostrando imagens de seus membros (JOVANOVIC, 1992, p.24).

O autor aponta, inclusive, que os estatutos não continham erros gramaticais ou de sintaxe, o que mostra o bom nível intelectual dos dirigentes (JOVANOVIC, 1992, p.25).

Destaca também o medo do comunismo por parte dos ucranianos:

um documento intitulado “Linhas ideológicas básicas da Sociedade Ucrânia Livre”, que demonstra, de forma inequívoca, que os dirigentes e associados não estavam empenhados em reunir a comunidade ucraniana residente no Brasil e, em particular, em São Caetano: seus interesses estavam voltados para o desenrolar dos acontecimentos político-sociais na Ucrânia da época. [...] sublinha que os membros da Ucrânia Livre acreditam que os reais interesses do povo ucraniano se resumem no estabelecimento de um país soberano, democrático e republicano (clara alusão à Rússia imperial e ao governo soviético, instalado no começo dos anos 20). Mais: a declaração revela que os redatores vêem como real perigo a possibilidade de os bolchevistas russos e a nobreza polonesa renovarem suas tentativas de estabelecer alguma forma de ditadura

³ Para mais informações sobre a comunidade ucraniana em São Caetano, ver: VOROBIEFF, Alexandre. **Identidade e memória da comunidade russa em São Paulo**. 2006. 244 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. p.130.

sobre a Ucrânia e ressalva estarem conscientes de que, ainda, rondava o perigo do fascismo sobre sua terra natal. Em menos de sete anos, os prognósticos seriam cumpridos, exceção à atuação da nobreza polonesa. (JOVANOVIC, 1992, p.25)

Uma outra leva de imigrantes ucranianos chegou em 1947, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Com o desenvolvimento das entidades anteriores, formaram a Sociedade Ucraniana Unificação (Ukraínski Ossierédok), em 1949. Desde 1961, possuem dois grupos folclóricos de dança. Há duas paróquias voltadas à comunidade ucraniana - a Paróquia São Waldomiro Magno e a Igreja Proteção da Santa Mãe de Deus – ambas construídas na década de 1950 e pertencentes à Igreja Ortodoxa Autocéfala Ucraniana (VOROBIEFF, 2006, p.134).

A Sociedade chegou a ter mais de 750 famílias, porém, muitos emigraram para os Estados Unidos e o Canadá nos anos 1950 e 1960. No início da década de 1990, eram aproximadamente 250 famílias ativas (JOVANOVIC, 1992, p.26). Atualmente, a cidade conta com aproximadamente 25 famílias, de acordo com informações verbais da Sociedade Ucraniano-Brasileira Unificação.

Já no caso dos búlgaros, que não possuem entidade associativa na cidade, o que dificulta o mapeamento, o primeiro texto foi na edição 8 de *Raízes*, de dezembro de 1992. Escrito pela jornalista Jocimara Sperate e intitulado “A Bulgária também conta história”, consiste numa reportagem histórica de duas páginas, três imagens da família Dimov, entrevista pela jornalista, e uma cópia do passaporte.

Cansados do “regime escravista”, os Dimov decidiram vir para o Brasil. A Segunda Guerra Balcânica aconteceu em 1913: a Bulgária foi derrotada e nos territórios do norte houve invasão romena. Júlio Dimov explica que “viver sob o regime romeno foi um verdadeiro massacre para os búlgaros, naquela época e por isso meus pais suportaram quanto puderam” (SPERATE, 1992, p.11).

O entrevistado Júlio Dimov nasceu em 1911, na região de Maneperjo, na antiga Bessarábia, parte do então Império Russo. Atualmente, é a Romênia, por isso emigraram com documentação deste país.

(...) os Dimov ficaram apenas 15 dias em Itu. O trabalho na plantação de café era estafante. Havia, ainda, a dificuldade de comunicação em função da incomunicabilidade entre o búlgaro e o português. Regressaram à Hospedaria dos Imigrantes. “Ali disserem-nos que em São Caetano do Sul havia uma família italiana, os Castelottis, que abrigava imigrantes até que se estabelecessem”. “Naquela época – conta Júlio -, a cidade não oferecia muita coisa. Quase todas as ruas eram de terra. Encontramos dificuldade para conversa com as pessoas, novamente”. Assim mesmo, a pequena cidade cativou-os. (...) Gastei cinco contos de réis com a madeira assim

comprada para construir pequenas bancas no salão da casa. Comecei vendendo bananas. Abria o mercadinho às 4h30. Minha mulher e eu trabalhávamos 18 horas por dia” (SPERATE, 1992, p.11-12).

O mercado da família vendeu frios e leite da marca Swift por 16 anos. Na década de 1970, fizeram uma visita à terra natal. Dimov conta: “Senti-me como um turista. No íntimo, sabia que ali era minha pátria, mas meu coração dizia sempre que logo estaria de volta ao Brasil, à pequena São Caetano” (SPERATE, 1992, p.12).

Dimov também deixou seu depoimento imortalizado no Museu da Imigração, em São Paulo, em que discorre sobre a importância de sua ancestralidade: “somos de origem búlgara, porque os meus tataravós já emigraram em 1830 para a Bessarábia, quando a Bulgária estava sob o domínio turco (...). Nós somos de origem búlgara, sangue búlgaro, que vem de muitos anos atrás, de raiz” (DIMOV, 2005).

A força da tradição perpassa as rotinas e, por vezes, os próprios fatos históricos. Definir-se não é tarefa simples, mas a tradição ajuda a solucioná-la, ao menos no aspecto discursivo. Ao retomar Bakhtin (1988), Ferreira (2004, p.17) ressalta que ocorre a “instalação de um modo de evocar que introduz ou recupera toda uma interação de sentidos recriados e bem presentes, em diversos tempos e espaços”.

Assim, passadas quatro gerações e quase 100 anos, Dimov não se identifica com o local geográfico onde nasceu, mas sim com o local memorial que, neste caso, tem relação com os laços sanguíneos. A família foi e será búlgara, pois, nas palavras dele, é “de raiz”.

Júlio Dimov faleceu em 2012, com 100 anos⁴. Foi um personagem importante para a compreensão para a história dos imigrantes na cidade de São Caetano e concedeu inúmeros depoimentos ao longo de sua vida. Foi fundador, em 1996, da Fundação da Associação Cultural do Povo Búlgaro no Brasil. (ASSOCIAÇÃO, 2014)

A convivência com os imigrantes do Leste Europeu nem sempre foi pacífica e calorosa. Alguns chegaram a causar problemas nos bares da cidade, conforme o depoimento de Firmino Garbelotto, que entregava bebidas:

Aqueles senhores de idade estavam acostumados a beber vodca e outras bebidas fortes, que devido ao clima de seus países, não faziam mal para eles. Então eles vinham aqui e bebiam pinga. E a pinga, para eles, era a mesma coisa que água. Eles entravam num bar, numa restaurante, e pediam álcool 42°. Punham na boca, bebiam, bebiam e muitos deles no dia seguinte, apareciam mortos. Eles estavam acostumados com a bebida forte. Mas, no nosso clima, eles se intoxicavam e morriam (MEDICI, 1993, p.90).

⁴ Mais informações sobre sua trajetória e um acervo iconográfico podem ser encontrados no Projeto Hipermemo, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Memórias do ABC, vinculado à Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

Entre as famílias imigrantes que chegaram à cidade, também se destacou o grupo iugoslavo⁵. O primeiro texto sobre a comunidade iugoslava possui três páginas e constituiu-se no perfil da família Sáfrány. Escrito pelo jornalista Paulo Heras, secretário de redação da revista à época, e com o título “Família Sáfrány encontrou melhores dias em São Caetano”, foi publicado na edição 9 de *Raízes*, de julho de 1993, uma das edições que mais possui textos sobre diferentes grupos culturais.

O texto tem o tom de homenagem e mostra a trajetória de sucesso industrial do patriarca da família, João Sáfrány, que lutou na Primeira Guerra Mundial pelo Exército Austro-Húngaro. Chegou em São Caetano em 1934 e aponta as principais dificuldades, sobretudo com o idioma:

andávamos com caderninhos para anotar as palavras que aprendíamos, principalmente, as de uso mais corriqueiro. Já as mulheres choravam muito, por causa da alimentação (totalmente diferente da europeia) e pela falta de higiene. O impacto foi muito grande e, eu mesmo, cheguei a sentir medo, quando nos contaram uma história de que os bugres haviam matado muitos brancos naquela região”, relembra o filho mais velho. (HERAS, 1993, p.20)

O perfil possui dez imagens, sendo seis de documentos. É interessante notar as diferentes origens mostradas nos passaportes, o que explica a dificuldade em estudar os grupos de regiões que estiveram sujeitas a sucessivos conflitos durante o século XX.

O último texto da revista sobre o grupo iugoslavo foi publicado em dezembro de 2013. Com o título “Família Gesellmann: 89 anos em São Caetano do Sul”, foi escrito pela descendente Marlene Gezelman – genealogista e bacharel em Letras anglo-germânicas - para a edição 48. A breve biografia da família possui três páginas e conta com duas imagens dos Gesellman, ambas identificando os membros da família. A autora conta o patriarca João já havia passado pelos Estados Unidos (1905), onde conheceu a esposa Viktória, nascida na atual Romênia, que trabalhava como empregada doméstica. Em 1911, voltaram para a região onde João nasceu, localizada atualmente na Sérvia. Na Primeira Guerra Mundial, João foi convocado pelo Exército Austro-Húngaro.

Ele lutou na Rússia, onde permaneceu por alguns anos como prisioneiro de guerra. Na segunda tentativa de fuga conseguiu atingir Viena a pé. No período durante o qual ficou preso, não obteve nenhum tipo de informação sobre o desenvolvimento dos conflitos e do estado de miséria em que o povo europeu estava vivendo. Foi um choque muito grande quando, ao atingir a estação central de Viena, maltrapilho, mal-tratado, com fome e

⁵ Entre 1991 e 2006, a região conhecida como Iugoslávia desmembrou-se nos seguintes países: Croácia, Eslovênia, Macedônia, Bósnia e Herzegovina, Sérvia e Montenegro. O Kosovo, desde 2008, busca o reconhecimento de sua independência. O Brasil é um dos países que ainda não reconheceu o local como nação. Mantivemos no texto grupo iugoslavo e Iugoslávia, pois os entrevistados de *Raízes* assim se referem ao local.

no poder somente de uma velha e seca fatia de pão, foi cercado por crianças esfomeadas, pedindo esmola e querendo sua comida. Somente naquele momento João conscientizou-se do que havia ocorrido nesses anos de captura. Sua preocupação maior foi obter informações sobre sua família. Mas Viktória lhe escreveu, dizendo que ele deveria vir para casa, pois tinham o suficiente para comer. Sua esposa e filhos tinham sobrevivido aos anos de guerra com muito vinho e pão, feitos por ela mesma (GEZELMAN, 2013, p.85-86).

Sufrimento, superação e vitória são as principais temáticas do texto, o que mostra uma constância no tratamento da revista em relação aos grupos culturais advindos de conflitos internacionais. Com medo de um novo conflito, resolveram sair da Europa, mas as dificuldades começaram no trajeto:

A viagem foi de trem, passando pela Eslovênia, Áustria, Suíça e, finalmente, chegando a Cherbourg (França), onde tomaram o navio (Desna), partindo rumo ao Brasil. Por fim, no dia 14 de março de 1924, desembarcaram no Porto de Santos e continuaram sua viagem pela Estrada de Ferro Santos-Jundiaí até a Hospedaria dos Imigrantes⁶, no Bairro do Brás, em São Paulo. Um agente de viagens os acompanhou por todo o trajeto, descrevendo os privilégios da agricultura brasileira. Espigas de milho gigantescas eram descritas, enquanto infinitos bananais eram vistos pela janela do trem. Ao descerem na estação Brás foram recepcionados por uma chuva de laranjas embrulhadas em panfletos, advertindo-os para não irem às fazendas de café, pois todas as promessas não eram cumpridas. (GEZELMAN, 2013, p.86).

Entre os imigrantes que chegavam, já havia uma complexa rede de informações que alertava as famílias sobre as promessas financeiras não cumpridas e as dificuldades enfrentadas no Novo Mundo. Viktória convenceu João a permanecer em São Paulo, mas o Movimento Tenentista de 1922 também seria um entrave para a vida da família, que precisou abandonar a casa e fugir com uma bandeira branca hasteada. Seguiram em trem para Campinas, mas voltaram para São Paulo com o fim do movimento.

Em 1924, a família migrou para São Caetano do Sul, onde outros iugoslavos e romenos já viviam e haviam prosperado. No novo lar, compraram um pequeno sítio além da várzea para criar vacas, porcos, galinhas, patos, gansos e abelhas. “Todos se integraram nas vilas Ressaca e Paula (como eram chamados os bairros na época) como parte de uma grande família.” (GEZELMAN, 2013, p.86).

Os Gesellmann passaram a integrar a comunidade local e sua produção de mel e vinho fez sucesso na cidade.

No fundo do quintal, havia, aproximadamente, 100 caixas de abelhas. A coleta de mel era feita nos fins de semana por João e seus filhos Mathias e Rodolfo. As grades com os favos eram instaladas em um grande cilindro

⁶ Estima-se que a Hospedaria tenha recebido, entre 1887 e 1978, mais de 2,5 milhões de pessoas.

metálico com fundo cônico como um funil, que era ligado a um motor que girava. O mel era removido do favo pela centrifugação e envazado em latas de 18 litros e em vidros. Era vendido na feira semanal no Bairro da Fundação. Das laranjas colhidas no quintal, Viktória produzia um vinho para consumo próprio, que era muito apreciado pelos amigos mais próximos. (GEZELMAN, 2013, p.87).

Cultura e estranheza

Tais relatos são fundamentais para a compreensão do cotidiano dos migrantes, sobretudo em relação ao convívio e às trocas culturais com os sul-sancaetanenses.

Entre os anos 1920 e 1950, diversas levas de imigrantes vieram para a cidade, por diferentes motivos: busca por melhor qualidade de vida, escassez de empregos e alimentos no país de origem e, sobretudo, por causa da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A guerra foi um dos principais fatores de expulsão. É lembrada em diversos textos, sobretudo os que se referem aos grupos que chegaram até a primeira metade do século XX. As marcas do conflito potencializam a memória mais do que as marcas deixadas em tempos de paz.

As culturas são fragmentos: de memórias, de ficções, de tradições, de construções de significações múltiplas. Cultura é estranheza e, nesta condição, nunca será plenamente compreendida. O espaço da cultura é também o espaço da memória das coletividades.

Qualquer mudança profunda no modo de vida e nos hábitos cotidianos com os quais se está acostumado gera impactos nas relações familiares e na comunidade. Altera-se, também, o fazer da memória: o tempo, com tantas transformações ocorrendo simultaneamente, tanto no plano material quanto no simbólico, torna-se o tempo da memória.

Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO Cultural do Povo Búlgaro no Brasil. Disponível em: <http://bulgaribrasilassociation.com.br/quem-somos> Acesso: 03.out.2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética**. São Paulo: Hucitec; Unesp, 1988.

DERRIDA, Jacques. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DIMOV, Júlio. Depoimento ao Museu da Imigração. 2005.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da Memória e outros ensaios**. São Paulo: Ateliê, 2004.

_____. Da tradição oral à tecnologia da informática. IN: MIRANDA, Danilo Santos de. **Memória e Cultura**: a importância da memória na formação cultural. São Paulo: Edições SESC SP, 2007.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. p.138.

GEZELMAN, Marlene. Família Gesellmann: 89 anos em São Caetano do Sul. **Revista Raízes**, 48. São Caetano do Sul, dez.2013. p.85-87.

HERAS, Paulo. Família Sáfrány encontrou melhores dias em São Caetano. **Revista Raízes**, 9. São Caetano do Sul, jul.1993. p.19-21.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento.

JOVANOVIĆ, Aleksandar. Ucrânianos, sete décadas de presença marcante. **Revista Raízes**, 6. São Caetano do Sul, jan. 1992.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O rosto e a máquina**: o fenômeno da Comunicação visto pelos ângulos humanos, medial e tecnológico: nova Teoria da Comunicação I. São Paulo: Paulus, 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.p.225.

MEDICI, Ademir. **Migração e urbanização**: a presença de São Caetano na região do ABC. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul,1993.

MEIHY, J; RIBEIRO, S. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.p.49.

SPERATE, Jocimara. A Bulgária também conta história. **Revista Raízes**, 8. São Caetano do Sul, dez. 1992. p.11-12.

VOROBIEFF, Alexandre. **Identidade e memória da comunidade russa em São Paulo**. 2006. 244 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ZABORSKI, Camila Cardoso Cortez. Imigração polonesa no Brasil: a memória de descendentes de poloneses através da história oral. **Revista Raízes**, 46. São Caetano do Sul, dez. 2012. p. 97-102.